

O ABSOLUTO COMO REMEMORAÇÃO (EINERUNG) DO ESPÍRITO CONSCIENTE DE SI*

THE ABSOLUTE AS REMEMBRANCE (EINERUNG) OF THE SELF-CONSCIOUS SPIRIT

Lucas Roberto Paiva**

RESUMO

Esta comunicação visa expor como podemos ler o saber absoluto na *Fenomenologia do espírito* como uma rememoração (*Einerung*) do espírito consciente de si. Dessa maneira, primeiramente iremos apresentar as noções metodológicas do sistema hegeliano com base no prefácio da obra. Após isso, apontaremos como o saber absoluto, último percurso fenomenológico da consciência, forma a ideia de que o auge do conhecimento é uma suprassunção dos momentos anteriores da consciência, formando a noção do conceito.

PALAVRAS-CHAVE: absoluto; rememoração; metodologia; figura; consciência.

ABSTRACT

This paper aims to explain how we can read absolute knowledge in the Phenomenology of Spirit as a recollection (*Einerung*) of the self-conscious spirit. To this end, we will first present the methodological notions of the Hegelian system based on the preface of the work. Following this, we will point out how absolute knowledge, the ultimate phenomenological path of consciousness, forms the idea that the pinnacle of knowledge is a superseding of previous moments of consciousness, forming the notion of the concept.

KEYWORDS: absolute; recollection; methodology; figure; consciousness.

INTRODUÇÃO

Se compreender o presente requer em certa medida refletir sobre o passado, pois o atual estágio das coisas é uma sucessão dos movimentos históricos anteriores, torna-se interessante trazermos ao diálogo a filosofia de Hegel, que em seu tempo defendeu, dentre outras coisas, que a nossa noção do ser está implicada nas construções, contradições e reformulações que outrora a humanidade formulou.

A filosofia hegeliana, sobretudo a exposta na *Fenomenologia do espírito* de 1807, visa traçar o percurso da consciência do saber mais elementar ao absoluto. Dito de outro modo, o filósofo quer descrever o caminho que a própria consciência humana construiu até sua formação na modernidade. Assim, partindo de figuras, nos é exposta a defesa da noção de ser e verdade que cada momento detém; ao passo que defender é provar, observamos uma sucessão de contradições surgirem.

* Comunicação recebida em 20/11/2025 e aprovado para publicação em 10/12/2025.

** Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: luscasfilosbh@gmail.com.

Diante da defesa de uma verdade, resta sua prova; contudo, o que aparece é o erro. Desse modo resta uma nova formulação que não nega por inteiro o modelo anterior, mas traz no atual aquilo que aparecia falho nos estágios subsequentes. Então, nesse longo caminho, observamos o próprio desenvolvimento do espírito humano, que de postulações, contraditoriedades e reformulações se move e forma sua atual noção de ser, tendo sua totalidade no absoluto, momento em que saber e objeto se identificam no conceito.

Esse movimento da experiência do conhecimento humano é o que Hegel chama de dialética, ou ciência da experiência da consciência. É a perspectiva de que a noção de verdade é um desenvolvimento contínuo. Isso levou o filósofo a defender que compreendeu a estrutura da realidade, pois o que somos é fruto do que foi.

Nessa chave de leitura esta comunicação visa apontar como o absoluto, grau máximo de apreensão da consciência é, de certa maneira, uma rememoração (*einerung*) do espírito consciente de si. Em outras palavras, essa noção defende que a realidade se constrói a partir das relações entre as consciências e seu vir-a-ser anterior que forma a atualidade. Portanto, lembrar como o passado forma o presente é tomar consciência do porquê algo que é.

1 CHAVES METODOLÓGICAS PARA COMPREENSÃO DO ABSOLUTO

Para expormos a possibilidade de compreender o absoluto como rememoração (*einerung*) do espírito consciente-de-si, apontaremos um recorte do método da filosofia hegeliana a partir do prefácio. Em seguida, de maneira introdutória iremos tratar do percurso da consciência rumo ao absoluto, estágio em que o saber da consciência se percebe como uma sucessão e reconciliação de momentos anteriores.

Uma das possíveis maneiras de compreender o método que estrutura a filosofia de Hegel é entender o real como uma produção da relação entre as consciências que se externaliza no desenvolvimento histórico. É importante notar a influência do idealismo nessa proposição, essa corrente defendeu que a ideia produz a realidade Hartmann(1976, p. 310).

Partindo da premissa que o real é uma expressão mental, pois essa é a maneira que o ser humano afirma aquilo que é, notamos em Hegel (2005) que essa relação se deu em um processo histórico. Nesse percurso, não bastou apenas uma consciência para se afirmar, foi necessário um reconhecimento em diversas consciências para que algo fosse aceito como verdadeiro. Um exemplo para pensarmos isso é a linguagem, ela só tem sentido quando reconhecida por nós e o outro, caso contrário o indivíduo afirma um solipsismo.

Além do reconhecimento entre as consciências é necessária uma verificação daquilo que é afirmado. Quando não há êxito naquilo que se defende é necessária uma reformulação, que não nega completamente o momento anterior, mas traz dele aquilo que sobrevive para que o novo possa surgir. Nesse desabrochar compreendemos o fluxo da história da própria filosofia, que sempre postulou, negou e suprassumiu a sua tentativa de equivaler ser e verdade.

Essas experiências podem ser analisadas por nós e formam um fluxo dialético que nos conduz pelo sistema do conhecimento desde o mais elementar ao mais plural, tornando possível uma compreensão da estrutura do real. Portanto, notamos no absoluto, a rememoração como uma de suas bases, pois ele só é comprehensível se levarmos em conta aquilo que foi. A totalidade é a junção de todas as partes. Rememorar é poder afirmar aquilo que é no presente.

Além disso, podemos notar que a meta de Hegel (2005, § 5, p. 27) é fazer com que a filosofia se torne ciência. Nesse ponto notamos uma enorme influência do seu tempo, no qual as descobertas científicas levaram uma equivalência gigantesca entre a noção do saber e do ser. Ou seja, uma total correspondência tal como conseguiram algumas leis da física (Utz, 2014, p. 93). O mesmo o filósofo quer que a filosofia faça. Para isso é necessário um saber especulativo autoexplicativo em que sua explicitação seja uma exposição de si e do ser como correspondência.

Ao fazer tal defesa, Hegel esbarrou em alguns problemas; aqui podemos citar, sobretudo, o da contradição. Em linhas gerais, o problema remete à ideia de como da igualdade pode surgir a diferença. Vale destacar o rompimento dele com Schelling¹, ao alegar que o seu até então amigo condicionou o absoluto “a noite que todas as vacas são pretas” (Hegel, 2005, §16, p. 34), não havendo a possibilidade de diferenciação dos graus de ser por não haver a diferença.

Para solucionar tal problema, o filósofo irá apontar a divergência como uma parte do todo. Ou como defende Hartmann (1976, p. 327), há um retorno a Fichte e ao mesmo tempo uma evolução, pois o Eu tem que negar a si mesmo, gerando o Não-Eu para que assim haja a diferença e ela possa ser reconciliada em um outro grau de ser. O espírito que se reconhece

¹De acordo com Hartmann (1976, p. 365), o principal motivo do rompimento foi a discordância de como da unidade surge a diversidade. Na leitura de Hegel, Schelling retorna a uma ideia romântica onde tudo seria idêntico e não racional.

como tal é o mediador do processo. Nele está a consciência do que foi e assim a possibilidade de afirmar aquilo que é em seu tempo.

Sendo a realidade uma totalidade una e plural, Hegel rompe com a lógica clássica². A ideia agora está projetada na defesa de que o ser é no tempo, portanto compreender o movimento e as mediações de tal processo é o que permitirá uma formulação daquilo que é o agora. Nessa afirmação está contida a ideia do absoluto como Sujeito, ou seja, ele não é estático, mas é movimento. Sua autorrevelação é a história de si mesmo. A primeira consciência desse caminho nos é apresentada na seção A como um movimento de externalização, isso significa que a verdade está na relação entre o sujeito e o objeto. Contudo esse modelo cai em contradições quando são apresentadas as dicotomias do ser como uma tautologia das leis da natureza. Hyppolite (1999, p. 153) aponta que nesse ponto está a crítica de Hegel à filosofia kantiana e o problema do fenômeno e da coisa em si. A solução para tal impasse estará em perceber que o preenchimento do objeto se dá de fato pela produção que a consciência dele faz.

Aqui está o nascimento do idealismo (Hartmann, 1976, p. 320)sob o pressuposto de que o pensamento produz a realidade. Mas Hegel não nos apresenta isso de imediato. É necessário retornarmos aos primórdios do saber e compreender que o homem só é à medida que é reconhecido. Nós somos um “Eu que é nós e um Nós que é eu” (Vaz, 2005, p. 22). A própria noção de ciência é moldada em relação com sua comunidade. Porém, o critério de maior valor será a externalização daquilo que se afirma.

O que ganhará maior validade será o saber absoluto. Ele traz consigo a rememoração de tudo o que foi e pode agora elaborar o conceito que melhor engloba aquilo que é. Assim, o filósofo defende que o absoluto é a máxima compreensão que um povo tem de si pela mediação do conceito que afirma aquilo que é em seu tempo. Portanto, fazer filosofia é construir conceitos, isso quer dizer: compreender aquilo que foi para entender aquilo que é.

Nessa perspectiva, concluímos que o método da filosofia de Hegel tem como traço principal a dialética (experiência da consciência) que é uma estrutura que interliga as diversas figuras e seus saberes. Desse modo, notamos que é próprio da figura afirmar, se contradizer e assim reformular sua posição, fazendo uma suprassunção. O desenrolar dessa história terá

²Conforme aponta Hyppolite (1999, p. 96), o filósofo quer construir uma lógica da identidade da identidade da indiferença. Para isso não há a possibilidade do pensamento estático, mas surge a noção de ler o movimento como parte do todo.

como fim último o absoluto, que em certa medida se comprehende como o espírito reconciliador. Ou seja, há uma rememoração do que foi para entender o que se tornou.

2. O ABSOLUTO COMO REMEMORAÇÃO DOS MOMENTOS ANTERIORES

A última figura da *Fenomenologia*, conforme aponta Silva (2014, p. 454), tem como estrutura aparente 1) a recapitulação dos momentos anteriores, as determinações fundamentais do absoluto e a reconciliação final (*FE*(§)788-797). 2) Os temas da ciência, natureza e história (*FE*(§) 798-804). 3) A distinção da esfera especulativa para a fenomenológica (*FE*(§) 805-808). Seguiremos essa divisão em nossa apresentação. Todavia, vale mencionar que não conseguiremos nos aprofundar em cada tópico, aqui buscamos uma leitura panorâmica, unindo a primeira seção do nosso texto em que expomos as chaves metodológicas para compreender essa figura final.

O saber absoluto surge como superação do momento anterior, a Religião. De forma sucinta, o que faltava na figura precedente era a efetivação daquilo que seu saber defendia, porém, situada na representação, jamais conseguiu efetivar o que defendia. Faltava a consciência se compreender enquanto parte do todo, e não somente criar uma ideia sobre ele. A suprassunção da religião pelo saber absoluto torna real tanto o pensar quanto o ser. Aqui a figura iguala no espírito o momento do em-si, do para-si e para um outro, pois se percebe como a efetividade do todo. Assim, há a unidade dos momentos singulares, pois eles formam a totalidade que é universal.

Notamos nesse ponto que a chegada ao momento mediador mostra uma oposição à imediatez presente nas figuras iniciais. Dessa maneira, o que era em uma figura individual se torna parte da pluralidade, e cada figura se observa entrelaçada no próximo surgir que tem no absoluto toda mediação necessária, pois nele o espírito observa seu próprio percurso como formador de si. Portanto, há uma reconciliação da diversidade, a singularidade se torna universal no estágio absoluto.

Ao reconciliar momentos que antes eram distintos e formar uma unidade, a consciência passa a ter como saber o conceito, sendo ele a máxima compreensão do espírito no tempo, pois é o que permite mediante a linguagem adequar a partir das mediações a noção do ser e do tempo. A diferença para a Religião reside no fato que o conceito torna efetivo aquilo que a outra figura só representava. Portanto, o novo momento traz o máximo grau de

compreensão, porque capta a totalidade. A singularidade se torna pluralidade, pois há mediação.

Hegel nesse ponto nos propõe uma nova lógica de entender a identidade e a diferença. Contrapondo-se à noção clássica, o filósofo aqui visa pensar a diferença como parte de uma totalidade na qual o que divergia é somente um momento que mediava os demais formando um conjunto. Em outras palavras, aqui está a identidade, a identidade da diferença sendo aplicada como momento mediador do caminho fenomenológico. Tal unidade será possível, pois:

O juízo negativamente infinito no qual a contradição absoluta se apresenta – junto com o juízo positivamente infinito – conclui-se no juízo infinitamente infinito; este que, como negação da negação ou posição da forma puramente especulativa do julgar e do enunciar exprime a unidade mesma do pensar e do tempo enquanto a pura igualdade consigo mesma, o Eu (Silva, 2014, p. 468).

O conceito terá como efetividade a ciência, que só se manifesta quando o espírito se percebe como parte do todo. O movimento circular onde o princípio coincide com o fim, pois tudo está unido. A diferença é só um momento da unidade. A finitude é parte da infinitude. Dessa maneira a efetividade se mostra no modelo em que a linguagem se configura como objeto.

A natureza e a história ganham outro significado a partir dessa perspectiva. O mundo natural é o espírito inconsciente extrusado de si. Já a história é o movimento do espírito consciente se percebendo como si; logo, “a ciência do absoluto é ciência de Deus e do Ser criado, Ontoteologia” (Santos, 2007, p.348).

O mundo natural é entendido como o devir do Eu para o Não-Eu³ de forma a não ter consciência de si. Já o percurso histórico tem como modelo o reencontro do espírito daquilo que ele separou. Nesse caminho está a ascensão fenomenológica, ou ciência da experiência da consciência que terá seu auge no saber absoluto, momento em que há a rememoração do próprio espírito daquilo que ele é.

Tal perspectiva poderia colocar o problema do absoluto como estático, o que tornaria o sistema contraditório. Mas, como solução, Hegel (2005, §808, p. 544) aponta que o movimento é contínuo⁴. O espírito sempre irá postular, negar e reconciliar-se. É nisso que se

³ Nesse ponto nota-se um debate direto de Hegel com Kant, Fichte e Schelling (Santos, 2007, p. 348). Ao primeiro está a crítica aos limites da religião frente à razão. Ao segundo, a oposição ao espírito que nunca se reconcilia com o Eu se tornando uma busca infinita. E a o terceiro, a divergência frente à noção de que o espírito pode compreender a partir do especulativo a estrutura do real, não sendo limitado seu pensamento.

⁴ Hegel (2005, §808, p. 544).

perpetua o saber especulativo. Há a possibilidade da não compreensão da experiência precedente. Entretanto, o risco de tal abordagem é a não compreensão da totalidade na unidade.

A rememoração marca a forma mais elevada da compreensão do espírito por si mesmo, pois reconcilia a partir da conservação toda a diversidade. O comentário de Santos (2007, p. 347) nos ajuda compreender essa passagem:

Hegel chamou de “rememoração” a esse trabalho complexo, mas não se contentou em dar-lhe um nome: foi ao fundo do que a palavra alemã *Einnerung* sugere, para adentrar-se (innern) na memória e experimentar de novo o que ela sedimentou, como se fosse possível conceber a um futuro pretérito que terá sido gestado em experiências do passado.

Assim há sempre um desenvolvimento a partir de um nível com maior autenticidade. Porém, tal compreensão tornou o tempo revelado, ou a autocompreensão de si encarnada no tempo. A consciência agora se percebe como sendo a extrusão da unidade e pode produzir sua identidade a partir do conceito no tempo, isto é: a filosofia.

CONCLUSÃO

Compreendemos por meio desta comunicação que a filosofia hegeliana nos permite ler o absoluto como uma rememoração (*einerung*) do espírito consciente-de-si. Desse modo, notamos a importância da memória como parte que nos relembra aquilo que foi e ao mesmo tempo nos ajuda a compreender o que atualmente é. Assim, o esquecimento seria um problema, pois ele nos faria repetir erros que deveriam servir como base para o aprendizado.

Nossa argumentação se centrou em dois momentos. Inicialmente apontamos um pequeno recorte no qual compreendemos o método do filosofar hegeliano que tem como base a ideia de que o real é uma produção das relações entre as consciências que se externaliza na história, e a dialética (ciência da experiência da consciência) é o fio condutor de todo o sistema, pois descreve a estrutura do real a partir da suprassunção (afirmação, negação e reconstrução) da efetivação de um saber.

Após isso, notamos a perspectiva de que o absoluto é o ápice de todo o conhecimento, porque nele está a rememoração de tudo que foi e a possibilidade do conceito que expressa em seu tempo à melhor maneira aquilo que é. Assim, temos a máxima compreensão do todo, temos um saber especulativo que é autoexplicativo e rompe com as dicotomias.

Infere-se, portanto, que há a possibilidade de lermos o saber absoluto como uma rememoração do espírito consciente de si. Sustentamos esse argumento com base em uma leitura panorâmica do Prefácio e do Saber absoluto da *Fenomenologia do espírito*. Além disso, recorremos a comentadores tidos como clássicos nacionais na interpretação hegeliana para o esclarecimento de algumas passagens. Nessa perspectiva, este texto abre a possibilidades para novos trabalhos, em que podemos discutir se há uma autocontradição lógica no sistema hegeliano; o lugar do saber dos povos fora do eixo europeu; ou iniciar um debate com a *Filosofia da história*, no qual Hegel foca sua abordagem na história de cada povo.

REFERÊNCIAS

- HARTMANN, Nicolai. **A Filosofia do idealismo alemão**. Tradução de José Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian, 1976.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.
- HYPPOLITE, Jean. **Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- SANTOS, José Henrique. **O trabalho do negativo**. Ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito. São Paulo: Loyola, 2007.
- SILVA, Manuel Moreira da. VIII. O saber absoluto. In: VIEIRA, Leonardo Alves. SILVA, Manoel Moreira da (org.). **Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Loyola, 2014.
- UTZ, Konrad. Entendimento. In: VIEIRA, Leonardo Alves; SILVA, Manoel Moreira (org.). **Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Loyola, 2014.
- VAZ, Henrique Claudio. Apresentação. In: HEGEL, Georg Friederich. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2005.